

Ministério da Cultura apresenta
Banco do Brasil apresenta e patrocina

HÉLIO OITICICA

delirium ambulatorium

CCBB Educativo
TERRITÓRIOS SABERES

HÉLIO OITICICA

delirium ambulatorium

As proposições artísticas de Hélio Oiticica, muitas vezes, podem ser compostas pelo convite à experimentação, manuseio e participação ativa dos públicos. Entretanto, nem todas as obras expostas em *Hélio Oiticica – Delirium Ambulatorium* podem ser tocadas. Tais medidas de conservação são fundamentais para que, preservadas, mais pessoas possam conhecer sua arte. Para mais informações, consulte a equipe do CCBB Belo Horizonte.



CAPA

Éden

1969/2023, CCBB Belo Horizonte

CCBB Belo Horizonte

Foto: Joana França



1

Metaesquema

1958, Guache sobre cartão

Foto: Diego Bresani

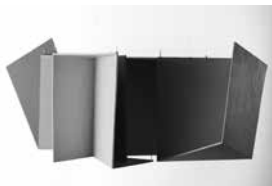


2

Relevo Espacial

1959-60

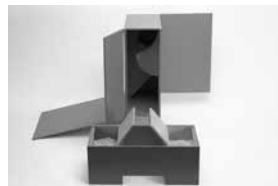
Foto: Diego Bresani



3
NC1 Pequeno Núcleo 1
1960, Óleo sobre madeira e espelhos
Foto: Diego Bresani



4
Penetrável PN1
1960
Foto: Joana França



5
B3 Bólide Caixa 3 - "Africana"
1963
Foto: Diego Bresani



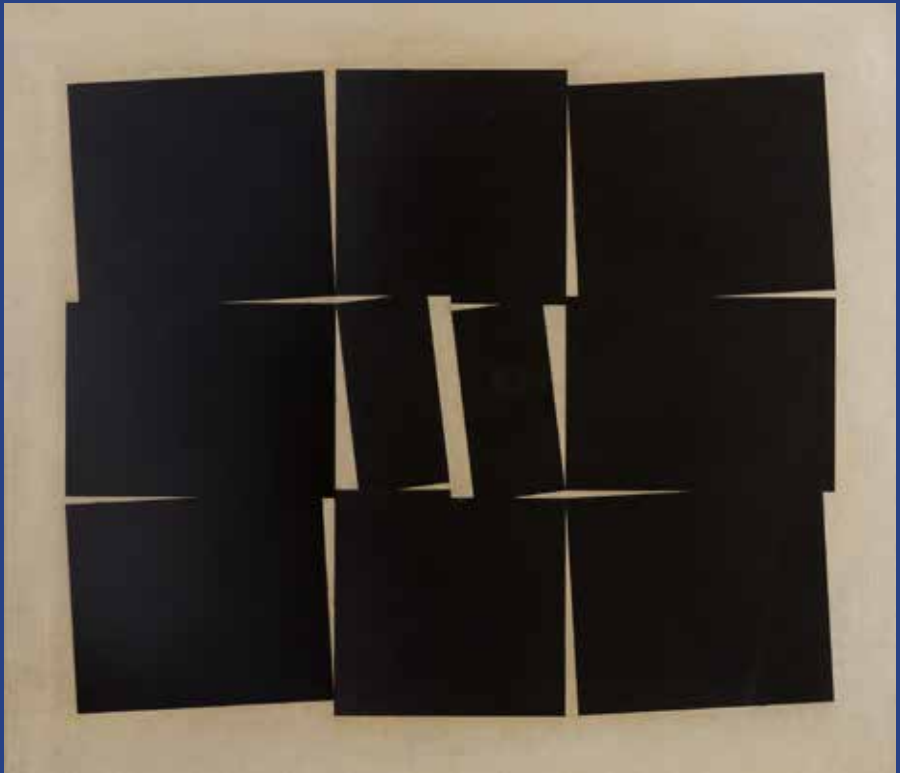
6
B47 Bólide 22 - "Mergulho do Corpo"
1966-67
Foto: Diego Bresani



7
B18 Bólide Vidro 6 - "Metamorfose"
1965
Foto: Diego Bresani



8
P8 Capa 5 - "Mangueira"
1978
Diego Bresani



1 O Museu é o mundo

Aos vinte anos, Hélio Oiticica iniciou uma série de trabalhos a guache, os **Metaesquemas**. Nela, já havia a vontade de romper com o espaço tradicional reservado à pintura - a tela, o quadro - e ao espaço “de fora” - da galeria, da cidade. Hélio Oiticica propõe romper com a ideia renascentista do quadro como janela para o mundo, para levar a pintura para a vida. A janela, o portal, não precisava existir: a pintura estaria na vida.

O *Metaesquema* pode ser visto como um mapa do tesouro para um novo modo de caminhar. Assim se chama essa exposição “Delirium Ambulatorium”, do latim *ambulare*, “andar, caminhar”. Podemos nos lembrar do *flâneur* criado pelo poeta francês Charles Baudelaire (1821-1867): caminhante moderno que vaga pela cidade percebendo-a de outro modo.

No quadro tradicional existe o suporte da pintura (que é a tela, o papel, o cartão...) e a matéria (que é a tinta). A tinta forma uma camada denominada capa pictórica. Nos *Metaesquemas* (1956 e 1958), quadrângulos - ora mais retangulares, ora mais trapezoidais ou mesmo mais próximos a paralelepípedos - de uma cor só (monocromáticos) parecem flutuar sobre o suporte da pintura. As fendas entre esses quadrângulos (o espaço entre as figuras) marcam o afastamento da camada de tinta (capa pictórica) em relação ao suporte. Hélio Oiticica parece perguntar: “Afinal, o que é a pintura? A pintura pode existir além da tela? Qual é o espaço da pintura?”. Em 1959, dois anos depois, ele avança no espaço: surgem os **Bilaterais** e os **Relevos Espaciais**.

Em sua viagem pelas galerias, a ideia é que esses postais sejam um navegador que instigue seu olhar e auxilie na leitura das obras. Aproveite o percurso!



2

Concretismo: O movimento *Art Concret* surge em Paris (1930) com o objetivo de buscar uma abstração pura que não partisse de nenhum ser, objeto ou paisagem do mundo cotidiano. Segundo seu manifesto: “O quadro deve ser inteiramente construído com elementos puramente plásticos, isto é, planos e cores”. Além disso, deveria “abandonar qualquer aspecto nacional ou regional e se afastar inteiramente da representação da natureza”.

Concretismo no Brasil: Foi precedido por exposições de arte abstrata e a criação de museus, como o MASP (1947) e os Museus de Arte Moderna - MAM/SP (1948) e MAM/RJ (1949). A 1ª Bienal Internacional de São Paulo (1951) valorizou a abstração, que quase não teve lugar no Modernismo brasileiro. No início dos anos 1950, surgiram dois grupos concretistas no Brasil, o Grupo Ruptura (São Paulo) e o Grupo Frente (Rio de Janeiro).

Neoconcretismo: Primeiro movimento da Arte Contemporânea no Brasil, surge de uma dissidência do Grupo Frente (1959). O Neoconcretismo segue algumas das propostas do Concretismo, mas se expande para a relação entre a obra e o público. O visitante, antes visto como espectador, passa a ser entendido como participante, interagindo com a obra no espaço.

Hélio Oiticica compõe este trabalho com formas geométricas bidimensionais (elas têm altura e largura), cada qual disposta em um ângulo. Em **Relevo Espacial**, pela primeira vez o artista vai acoplar as formas, trabalhando em mais de um plano, para criar uma obra tridimensional (com altura, largura e profundidade). Cada plano da obra recebe uma quantidade de luz do ambiente e suas reentrâncias contribuem para criar claros e escuros. *Relevo Espacial* é uma série que conta com outras obras monocromáticas na escala do amarelo ao vermelho.



3 Até o início do século XX a cor tinha a função de colorir figuras, como o manto azul, a folha verde e a maçã vermelha. No Cubismo, Pablo Picasso desconstrói essa ideia, e a cor passa a ser um elemento visual. Agora a cor não é mais um atributo da forma, ela é a forma em si. Por isso, Picasso a chama: forma-cor. Na mesma época surge a arte abstrata, cujas formas estavam isentas de representar um modelo do mundo em que vivemos, dos seres e dos objetos, tornando o tema da arte a própria arte.

Desde os **Metaesquemas** é como se Hélio Oiticica desconstruísse a noção tradicional de pintura. Não nos colocamos diante de suas obras como quando diante da pintura tradicional, como um espectador frente a um quadro pintado na parede de um museu.

Ao invés disso, Hélio Oiticica nos insere no mesmo espaço da pintura, nos convidando a participar. O espaço não é mais a moldura e a parede da galeria, a cor está solta no espaço, e o suporte da pintura se torna o próprio espaço ao seu redor.

Em **Pequeno Núcleo 1**, a obra está suspensa na galeria e, de repente, percebemos a existência de um espelho que reflete toda a porção inferior da pintura (assim Hélio a chama), deixando-nos ver a sua estrutura interna. Na série **Núcleos** (1960-1966), as peças incorporam a cor no espaço, materializam o “corpo da cor”. Assim, nós nos damos conta de que esta pintura não só invade o espaço exterior tridimensionalmente, como possui, nela mesma, um dentro e um fora. Os *Núcleos* abrem a possibilidade de caminharmos entre essas placas de cor.



4

Desde o Renascimento italiano, com a invenção da perspectiva matemática (no século XV), a profundidade na tela pintada é uma ilusão. Em Hélio Oiticica não existe ilusão, como no Concretismo, a obra é o que ela é. A ambição de permitir efetivamente o mergulho do público na pintura foi alcançada na série de **Penetráveis** (1961-1980). O **Penetrável PN1** foi o primeiro trabalho construído em escala humana. Alguns *Penetráveis* são fisicamente interativos, porque suas lâminas podem ser movidas pelo visitante, que se torna participante dela, e modifica parte de sua forma. A pintura começa a se tornar polissensorial. A obra é o que é, mas também é a relação que nós, como sujeitos, estabelecemos com ela, por meio de outros sentidos além da visão.

Os *Penetráveis* vão, com o tempo, adquirindo não apenas outras configurações, que

ultrapassam a geometria, como passam a ter maiores dimensões. O **Penetrável Tropicália**, montado no MAM/RJ (1967) dará o nome ao movimento *Tropicália*, de Caetano e Gil. Esses novos *Penetráveis* se tornam ambientes cada vez mais compostos, com sistemas de percursos internos, por vezes labirínticos.

Hélio também incorpora materiais e objetos deslocados de suas funções cotidianas, com suas próprias texturas, desde tecidos e palha até televisores, além de sons e imagens, com os quais os participantes podem interagir de modo cada vez mais íntimo. O visitante pode se ver caminhando sobre areia ou brita, ou recostado em uma rede. O corpo inteiro penetra na pintura. O movimento, os sentidos do toque (onde pisamos, como pisamos), a temperatura (calor, abafamento), o som e alguns odores são agregados à experiência estética.



5

Se os **Penetráveis** nascem em tamanhos maiores para os participantes adentrá-los, os **Bólides** (1963-1979) têm a escala de objetos pensada na manipulação do público. Existem algumas classes diferentes de Bólides. Alguns bólides-caixa se assemelham a uma caixa; outras vezes, a uma gaveta; outras, a pequenos móveis. São construídos com lâminas de madeira pintada, a partir daquela graduação entre o amarelo e o vermelho, passando por alaranjados, mas também podem ter planos de outras cores, como o rosa. Estes bólides-caixa podem ter em sua composição materiais como espelhos, plásticos, tecidos, areia, terra e até pigmentos puros. Hélio os cria sendo interativos.

Bólides-caixa, como o **B3 Bólido Caixa 3 – “Africana”**, possuem partes fixas e

partes móveis, que envolvem dobradiças, encaixes, gavetas, tampas e partes que deslizam permitindo mover alguns de seus planos.

Por vezes, essas "caixas" se assemelham a construções tridimensionais improvisadas. O espectador-participador é convidado a explorar as diferentes possibilidades desses objetos com outros sentidos: abrindo gavetas ou portas, manipulando materiais, sentindo odores, contemplando suas cores. Os compartimentos podem ser abertos ou fechados, mas parecem nunca chegar a uma forma final, sempre deixam um ponto inquietante, como se houvesse mais formas a serem construídas por quem os manipula nas exposições.



MERGULHO
DO CORPO

6

A partir de 1964, Hélio Oiticica passou a frequentar a escola de samba Estação Primeira de Mangueira. Sua relação com membros da comunidade, seu modo de agir, de fazer música, de dançar, de trabalhar e de construir trouxe a Oiticica uma nova forma de ver o mundo e de perceber a cultura brasileira. Essa relação proporcionou um salto de compreensão em sua reflexão sobre as fronteiras artísticas. Oiticica passou a criticar de modo mais agudo os valores que eram exaltados pela cultura erudita e pelo sistema das artes da época.

Nos **Bólides-caixa** e nos **Bólides-vidro**, as madeiras pintadas e os pigmentos nos remetem ao universo tradicional da pintura, embora o

diálogo com o objeto e a escultura já esteja presente. Ao lado deles, uma terceira classe de *Bólides* surge nesse período (entre os anos 1960 e 1970). São obras que se abrem a novos objetos e sensações, como **B47 Bólido 22 – “Mergulho no Corpo”**, que convida o antigo espectador a se tornar participante da obra.

Nesta obra, há o sentido literal de mergulhar parte do corpo (as pernas) na caixa d'água, mas também há o sentido metafórico (ampliado) de que, com essa nova arte neoconcreta, é o corpo do espectador-participante que mergulha na obra de arte, o sujeito-visitante mergulha na própria arte. Nela, ele pode mergulhar, imergir com seu corpo, seus sentidos, suas percepções.



7 Os **Bólides-vidro** podem apresentar objetos, como conchas e pequenas pedras, mas também materiais como tecidos, plásticos (com texturas e aparências diversas) e pigmentos. Os pigmentos são matéria mineral. Este pó colorido é aquilo que existe de mais essencial à pintura, desde as pinturas rupestres no Período Paleolítico: a tinta. Podemos descrever a tinta como um material mais ou menos viscoso (mais pastoso ou mais líquido), constituído quase sempre por três elementos: o pigmento, o médium e o diluente. O médium é aquilo que dá corpo, dá liga à tinta, que pode ser um óleo, como o óleo de linhaça. Mas a tinta não pode existir sem o pigmento, que é a essência da cor.

Ao inserir na obra **B18 Bólido Vidro 6** – **“Metamorfose”**, o pigmento puro, em

recipientes de vidro, Hélio Oiticica parece chegar a uma espécie de pintura conceitual. A série dos *Bólides* foi fundamental para dar novos significados à linguagem “tradicional” da pintura. Em uma época de grandes transformações políticas e culturais, Hélio Oiticica subvertia os princípios da Arte.

Bólido ou Bólido é um termo da astronomia que se refere a grandes meteoritos. A palavra também é utilizada para pessoas ou objetos que se movem velozmente, como um carro que passa correndo na estrada. Hélio Oiticica se interessava por questões cósmicas, como o projeto “Cães de caça” (que está na exposição), cujo nome se refere a uma constelação de astros que é vista do Hemisfério Celeste Norte.





Compreendendo a pintura de modo mais ampliado, Hélio Oiticica foi um dos principais artistas a criarem uma nova compreensão da pintura na Arte Contemporânea. Se por um lado ele estendeu essa linguagem ao espaço com os *Penetráveis*, por outro, ele estendeu a pintura para o campo das artes performáticas, com os chamados **Parangolés**.

O nome da série teria surgido de um encontro de Hélio Oiticica com a tenda improvisada de uma pessoa em situação de rua. Hélio viu ali um tecido com a palavra “parangolé”. O artista se interessava pelas possibilidades de construção com panos que, além de cortinas, cumprem a função de portas ou divisão de cômodos em muitas casas brasileiras.

A série *Parangolés* é composta por capas, faixas e bandeiras. Hoje podemos encontrá-los em cabides ou suportes expostos em museus. Mas o *Parangolé* só “se realiza” como obra de arte no momento em que uma pessoa se veste com um deles e com ele se move, anda, dança, corre no espaço. Não se trata mais da interação de uma pessoa e um objeto, mas o espectador se torna parte da própria obra de arte.

Criados com tecidos e plásticos, muitas vezes contendo palavras ou frases políticas e poéticas, os *Parangolés*, de certo modo, são provenientes do universo da Mangueira, do samba e da música, e desse universo de brasilidade não podem ser separados.

Centro Cultural Banco do Brasil

Praça da Liberdade, 450 - Funcionários, Belo Horizonte - MG

Informações: (31) 3431-9400 | ccbhbh@bb.com.br

Horário de Funcionamento:

Quarta a segunda: 10h às 22h | Terça: fechado

Entrada gratuita

Agendamento de grupos: agendamento.ccbbeducativo.bh@gmail.com

(31) 3431-9440 ou (31) 3431-9441

Central de Atendimento BB: 4004-0001 ou 0800-729-0001

SAC: 0800-729-0722

Deficiente auditivo ou de fala: 0800-729-0088

Facebook: /ccbhbh | **X:** @ccb_bh | **Instagram:** @ccbhbh

www.bb.com.br/cultura

Hélio Oiticica – Delirium Ambulatorium

Curadoria: Moacir dos Anjos

Proponente: tuia arte produção

Postais CCBB Educativo – Territórios e Saberes

Sapoti Projetos Culturais

Pesquisa: Camila Pires | Vera Pugliesi

Redação: Daniela Chindler | Vera Pugliese

Colaboração: Mariana Rigoli

Revisão: Sol Mendonça

Design: E Thal

Coordenador Pedagógico: Danilo Filho



Produção

Educativo



**Lei de
Incentivo
à Cultura**
Lei Rouanet

tuia
arte produção

SAPOTI

Apoio



CULTURA E
TURISMO



**MINAS
GERAIS**

GOVERNO
DIFERENTE.
ESTADO
EFICIENTE.

Realização



**MINISTÉRIO DA
CULTURA**

